UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

TAYNARA DE ALMEIDA RODRIGUES SOARES

A CONSTRUÇÃO MÚLTIPLA DO PENSAMENTO DE LÉLIA GONZALEZ

Brasília - DF
2021

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

TAYNARA DE ALMEIDA RODRIGUES SOARES

A CONSTRUÇÃO MÚLTIPLA DO PENSAMENTO DE LÉLIA GONZALEZ

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Filosofia.

Orientação: Prof. Dr. Wanderson Flor do Nascimento

Brasília - DF
2021

Agradecimentos

Dedicarei este trabalho aqueles que foram importantes para minha continuidade na graduação de filosofia e diversas vezes me lembraram os motivos dessa escolha. A princípio agradeço aos colegas de curso João Pedro e Vanessa que estiveram ao meu lado dividindo aprendizados e sendo apoio ao longo desses anos. Serei eternamente grata a Helena, Ingrid, Mirella, Mariana e Calassa que nos momentos de crise e insegurança no desenvolvimento desta atividade conseguiram me acalmar e dar o suporte que tanto precisava. Obrigada Lud pelo amor e confiança que depositou em mim, sua admiração e palavras de carinho foram essenciais nesse período. Aos companheiros do NEFA que são minha referência de quilombo, me incentivando e tornando essa trajetória pelo mundo acadêmico menos cansativa graças às partilhas. Agradeço em especial a minha irmã Aline Matos que foi uma referência e me inspira a ir atrás de novos caminhos, obrigada minha querida, por me lembrar sempre que devo me cuidar, sua existência me dá coragem. Ao professor Pedro Gontijo que me ajudou com conversas afetuosas, sou fascinada pela sua bondade, obrigada mestre. Seria necessário muito mais para retribuir todo carinho e felicidade que tenho de ter sido orientada em todos esses anos por um professor tão dedicado e apaixonado por aquilo que faz, Uã agradeço principalmente pelas correções, suas palavras foram impulso para mudanças e escolhas mais conscientes. Obrigada pela paciência, te levo como uma bonita e apaixonante referência. Por fim, faço uma homenagem a minha avó chamada carinhosamente de Dona Marta, a verdadeira essência desse trabalho, conseguir admirá-la ainda mais depois de me reconhecer enquanto mulher negra, posso afirmar que foi agridoce toda essa experiência acadêmica, e nos piores momentos agarrada a lembrança dela conseguia me manter forte.

Resumo

Partindo de análises feitas dos escritos da intelectual brasileira Lélia Gonzalez, o presente trabalho tem como objetivo apresentar seu pensamento múltiplo. Conduzida pela psicanálise, filosofia e ciências sociais, Lélia propõe uma reinterpretação do processo de formação cultural brasileira onde o caráter plurirracial e o pluricultural estejam em evidência. As análises desenvolvidas pela autora denunciam a herança neocolonial capitalista como principal responsável pela subordinação enfrentada por grupos raciais, comprovando a falsa ideia de democracia racial. Com uma produção ligada à temática do racismo e sexismo, a autora destaca o papel da mulher negra na sociedade brasileira e a coloca em protagonismo como a grande precursora da amefricanidade. A importância de Lélia Gonzalez é algo fundamental para compreender a invisibilidade de pensadoras negras na academia. Deste modo pretende-se impulsionar sua relevância enquanto mulher negra intelectual e produtora de um pensamento filosófico brasileiro.

Palavras-chave: Lélia Gonzalez, pensamento filosófico, mulheres negra.

Sumário

Prelúdio	**6**
Nomeando Lélia Gonzalez	**7**
Partindo da Interdisciplinaridade	14
À Filósofa	27
Conclusão	34
Referências	35

Prelúdio

[...]
imploro-te Exu
plantares na minha boca
o teu axé verbal
restituindo-me a língua
que era minha
e me roubaram.
Abdias do Nascimento

Ao se defrontar com o cânone filosófico, é fácil identificar a ausência de pensadoras negras, uma vez que a narrativa sobre a história da filosofia se centraliza em aspectos históricos eurocêntricos que expõem a cor e o gênero de seus interlocutores. Pensando nisso, a importância sobre inserção de (outras) pensadoras é uma tentativa de expandir antigas perspectivas já conhecidas na filosofia, que agora se apresentam por vozes que estiveram silenciadas em função de um racismo e sexismo naturalizados.

Para Lélia Gonzalez, era importante se assumir como sujeito da própria fala, localizar sua contribuição enquanto intelectual e pensadora provoca uma reflexão em relação as mulheres negras como referências de uma intelectualidade, como Aline Matos chama atenção "o lugar do pensamento para as mulheres negras não está dado. Há uma construção racista e sexista em relação ao seu estatuto intelectual, que as relega à marginalidade e ao desprezo." (MATOS, 2014, p. 10) . Compreender a importância de Lélia Gonzalez é fazer o movimento de aproximação de um epistemicídio referente a pensadoras negras, apontando para uma narrativa canônica não somente racista mas também sexista.

Em sua trajetória, Lélia Gonzalez expõe como classe, raça e gênero são nutrimentos do capitalismo, e contribuem para a exploração de pessoas negras. A autora, que em grande parte de seus escritos citava a situação da mulher negra no Brasil, traçou diversos debates dentro e fora da academia, com a intenção de expandir cada vez mais a discussão da participação africana e ameríndia na formação cultural brasileira.

Partindo de sua relevância como intelectual pública, a intenção será apresentar essa pensadora e seus estudos para o que podemos chamar de uma filosofia brasileira.

Nomeando Lélia Gonzalez

"Preto tem que ter nome e sobrenome."
Lélia Gonzalez

Enquanto ainda era conhecida como Lélia de Almeida, a mesma esteve em contato com uma educação considerada de alta qualidade para uma mulher negra de sua época. Lélia estudou em escola particular durante a década de 60, onde experienciou o discurso pedagógico brasileiro, incorporado em sua educação, e que pode ser interpretado como um dos mecanismos de embranquecimento, como chama atenção em seus relatos pessoais.

> Fiz escola primária e passei por aquele processo que eu chamo de lavagem cerebral dado pelo discurso pedagógico brasileiro, porque, na medida em que eu aprofundava meus conhecimentos, eu rejeitava cada vez mais minha condição de negra. E, claro, passei pelo ginásio, científico, esses baratos todos. (GONZALEZ *apud* RATTS; RIOS, 2014, p. 31)

Após o período do colegial, fez bacharelado e licenciatura em Geografia e História. Anos mais tarde, se formou em Filosofia entre 1958 e 1962. Todas as formações foram feitas na Universidade Estadual de Guanabara, hoje conhecida como Universidade Estadual do Rio de Janeiro: "ao se inserir em uma paisagem na qual a cor da pele ia clareando à medida que se passava do espaço escolar para o acadêmico, Lélia experimentava também as exigências de se enquadrar no que se referia ao comportamento." (RATTS; RIOS, 2014. p. 40)

Pode-se dizer que Lélia teve uma formação interdisciplinar. O fato de obter graduação em diversas áreas foi algo explorado em seu momento mais ativista enquanto seguia dando continuidade na produção acadêmica. A educação tornou-se uma ferramenta transformadora em sua vida, onde iniciou sua carreira na docência lecionando matérias do ensino superior[1]. "As disciplinas que Lélia lecionava eram: filosofia, história da educação e história moderna e contemporânea. Logo após a segunda graduação, ela começa a trabalhar como professora universitária, dando aulas em instituições públicas e privadas. (*Ibidem*, p. 47)

Enquanto lecionava, também fazia trabalhos de tradução de livros em francês para o português , tal trabalho demonstra sua ligação com a Filosofia e colaboração para a educação nacional, como podemos verificar na passagem: "entre 1966 e 1970, traduziu do francês para o português três livros que foram utilizados em cursos de filosofia em todo o país, conforme

[1] A carreira docente de Lélia começou no ensino superior, precisamente em 1963, nas Faculdades de Filosofia de Campo Grande (Feuc) e Filosofia, Ciências e Letras da UEG, mas sua atuação ganhou maior destaque na Universidade Gama Filho e nas Faculdades Integradas Estácio de Sá, na qual exerceria as funções de coordenadora do Departamento de Estudos e Pesquisas do Centro Cultural (1973-1974), vice-diretora da Faculdade de Comunicação (1973-1974) e diretora de Departamento de Comunicação (1974-1975). (VIANA, 2006, p. 54)

enumera Viana (2006, p. 51): Curso moderno de filosofia (1966); Compêndio moderno de filosofia (1968); e História dos filósofos ilustrada pelos textos (l970). (*Ibidem*, p. 50)

Deste modo, antes de estar envolvida com aspectos que são mais evidenciados em sua trajetória enquanto intelectual, Lélia fez grandes contribuições no meio educacional, apesar de todas as opressões sistemáticas que enfrentava. Tal época foi essencial no prosseguimento de seu encontro com o sobrenome Gonzalez, que faria parte de sua identificação, de como é conhecida hoje, uma transição que tem como base dois elementos fundamentais: a influência da psicanálise e a militância política.

Em uma entrevista para o Jornal *O Pasquim* em 1986, onde foi questionada sobre suas indagações pessoais, Lélia destaca um momento de virada que a fez refletir sobre sua negritude e incentivar seu retorno com o auxílio de influências culturais que estavam sendo ignoradas após uma formação em filosofia fundamentada na cultura ocidental.

> Tive que parar num analista, fazer análise etc. e tal, e a análise neste sentido me ajudou muito. A partir daí fui transar meu povo mesmo, ou seja, fui transar candomblé, macumba, essas coisas que eu achava que eram primitivas. Manifestações culturais que eu, afinal de contas, com uma formação em filosofia, transando uma forma cultural ocidental tão sofisticada, claro que não podia olhar como coisas importantes. Mas enfim, voltei às origens, busquei as minhas raízes[...]. (GONZALEZ, *apud* RATTS, ; RIOS, 2014. p. 61)

Quando falava sobre a importância da psicanálise em sua formação, ela insistia em dizer que através deste contato foi possível exercer uma reflexão sobre sua identidade e percepção do racismo em sua psique: “meu lance na psicanálise foi muito interessante, a psicanálise me chamou a atenção para meus próprios mecanismos de racionalização, de esquecimento, de recalcamento etc. Foi inclusive a psicanálise que me ajudou neste processo de descobrimento da minha negritude” (*Ibidem*, p. 61).

Boa parte das manifestações culturais que estavam projetadas em seu pensamento foram extraídas do candomblé como potência para exercer essa ligação com a psicanálise em suas análises, um modo que encontrou de explorar elementos que estavam incorporados na cultura brasileira. Sua escrita realizou uma linguagem assertiva e afetuosa, como também foi exteriorizado em textos onde sua militância predominava. Com esse (re)descobrimento, Lélia traçou um novo percurso que a colocava em contato com sua interpretação do que nomeava como um ato de “partir para minha negritude, para minha condição de negra.” Assim, consciência e corporalidade estão juntas em um encontro pessoal e político. Um dos grandes marcos que demonstram a relação de Lélia com a psicanálise no Brasil foi sua aproximação com M.D. Magno e Betty Milan, ambos intelectuais com formação em Psicanálise que

exerciam trabalhos acadêmicos no Brasil na década de oitenta. Existia um interesse em estudar o pensamento de Jacques Lacan, psicanalista francês. Considerando o momento histórico que estavam vivenciando, as discussões sobre a temática da psicanálise na época ainda eram escassas. Com a fundação do colégio freudiano, no Rio de Janeiro, a psicanálise lacaniana ganhava espaço e prestígio nos anos seguintes.

> Em 1975, junto com Magno Machado Dias (mais conhecido como MD Magno) e Betty Milan, discípulos e analisandos do psicanalista francês Jacques Lacan, ela participou da Fundação do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, que viria a ser um dos principais centros de propagação do psicanalítico em sua vertente lacaniana no país. MD Magno foi professor das Faculdades Integradas Estácio de Sá entre 1971 e 1975, assim como Lélia Gonzalez entre 1973 e 1975. (RATTS; RIOS, 2014, p.61)

Ainda que estivesse inserida nas ideias do psicanalista Jacques Lacan, Lélia compreendia que era necessário fazer uma *transa* com aspectos culturais brasileiros, uma vez que sua motivação estava em transcorrer uma narrativa que pudesse fazer essa localização da negritude na nossa cultura enquanto elemento de sua formação, uma epistemologia enegrecida.

> "Se levarmos em conta a teoria lacaniana, que considera a linguagem como o fator de humanização ou de entrada na ordem da cultura do pequeno animal humano, constatamos que a cultura brasileira é eminentemente negra. E isto, apesar do racismo e de suas práticas contra a população negra, enquanto setor concretamente presente na formação social brasileira.” (GONZALEZ, 1981, p. 40).

Em suma, estes saberes presentes da negritude foram conservados com o auxílio da linguagem, se mostrando uma estratégia exercida no tempo por pessoas racializadas em convivência com pessoas brancas, onde ocorreu uma aproximação com a classe dominante dentro do que Lélia chamava de domesticação, como meio mais direto de apagar essa contribuição.

> (...) Por aí se vê que é barato domesticar mesmo. E se a gente detém o olhar em determinados aspectos da chamada cultura brasileira a gente saca que em suas manifestações mais ou menos conscientes ela oculta, revelando, as marcas da africanidade que a constituem.” (GONZALEZ, 2018, p.194)

Se por um lado existia todo esse esforço por parte da branquitude[2] de fazer uma manutenção constante do apagamento dessas marcas da africanidade, por outro acontecia a ginga da resistência desses povos racializados, e da continuidade de conhecimentos ancestrais em suas manifestações culturais. Lélia faz uma interpretação (ou leitura), através da teoria lacaniana, sobre a presença da Mãe Preta, ao descrever onde este estereótipo se assentava no imaginário coletivo.

Segundo ela, foi esta que permaneceu em contato com a branquitude. Enquanto exercia sua função de mucama e ama de leite, a mesma cuidava e se fazia presente, e por isso se estabeleceu enquanto referencial maternal no imaginário. Para manter-se em nossas memórias, o maior recurso que essa figura tinha era a oralidade. O escritor malinês Hampâté Bâ, aborda a noção de conservação do saber: "os primeiros arquivos ou bibliotecas no mundo foram o cérebro dos homens" (BÂ, 2010, p.168)— pode se dizer que a Mãe Preta estava estabelecendo uma tradição de seus conhecimentos ancestrais, com o auxílio da oralidade, para quem a ouvisse. Voltando então para o encontro desta tradição oral, a fala aparece como uma ferramenta fundamental para que essa tradição se perpetue nas comunidades, onde levaria o saber do mais velho para o mais novo. A tradição seria o exercício da permanência no tempo. "coube à "Mãe Preta", enquanto sujeito-suposto-saber, a africanização do português falado no Brasil (o "pretuguês", como dizem os africanos lusófonos) e, consequentemente, a própria africanização da cultura brasileira." (GONZALEZ, 2018, p. 40).

A Mãe Preta, enquanto este sujeito suposto saber, faria uma a aproximação do materno: voltando-se nos primeiros anos de vida da criança, ela se estabelece nesse imaginário onde começam a ser introduzidas suas primeiras concepções do mundo, em que inicia-se o processo de socialização desse pequeno animal político. Pode-se concluir que a reflexão que a pensadora propõe utilizando da psicanálise carrega, em seu interior, gênero e raça como objetos de estudo, que também foram manifestados em sua presença enquanto militante.

Considerando o ambiente das discussões raciais no brasil da década de oitenta, Lélia encontrou na militância uma possibilidade de trabalhar temáticas que já estava desenvolvendo enquanto intelectual, seu contato com movimentos sociais e partidários foi marcante em suas produções e diálogos. Aos poucos, seu nome ficava cada vez mais conhecido no debate político: "[Em 1974] eu passei a participar dos debates que [ocorriam] no Teatro Opinião,

---

[2] "a branquitude como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo". (Frankenberg, 1999b, pp. 70-101, Piza, 2002, pp. 59-90).

houve uma série de reuniões na minha casa também, e então a questão negra, numa perspectiva política, começou a me interessar. Até então ela me interessava numa perspectiva culturalista, a partir de então eu comecei a desenvolver um trabalho [...]. (GONZALEZ, 1986, p. 11). Foi na escrita e na fala que sua militância foi registrada. Um dos dispositivos que utilizou foi o do encontro da linguagem popular com a linguagem erudita, algo que pode ser analisado como provocativo, mas que exercia uma intenção de abordar as referências linguísticas africanas no dialeto brasileito, expondo um país multicultural. Foi pensando nisso que apresentou o conceito de *pretuguês,* que significa uma junção do português com o africano. Enquanto o linguajar português era patrimônio e deveria ser preservado ao máximo na tentativa da continuidade da herança colonial, o dialeto africano era considerado uma evidência da marginalização, e por tanto deveria ser apagado, não distante disso as gírias criadas dessa *transa* do pretuguês eram lidas como erros linguísticos.

> Assim como no jeito popular de falar, Lélia usava e abusava da economia linguística em seus artigos: pra (para), tava (estava), tamos (estamos), camé (como é). Utilizava expressões como a gente em vez de nós. Encontramos muitas gírias em seus escritos. Várias delas eram relativas a grupos jovens e passaram a ter uso mais geral: papo (conversa), sacar (compreender), mancada (falta), lance (situação). Algumas têm muitos sentidos: "esses baratos todos", "o barato da ideologia do branqueamento", "deve negro assimilar e reproduzir tudo que é eurobranco? Ou só transar o que é afronegro? Ou somar os dois? Ou ter uma visão crítica de ambos?" Nem é preciso dizer que não era "recomendado" que uma acadêmica de renome se expressasse dessa maneira com tanta frequência. (RATTS; RIOS, 2014, p. 73)

O modo em que decidiu se comunicar indica sua identidade enquanto intelectual que não se limitou em apenas escrever, mas em construir uma trajetória na fala capaz de expandir as possibilidades para aqueles que viriam depois. Em uma entrevista concedida à revista de filosofia SEAF (Associação de Estudos e Atividades Filosóficos), ela destaca o processo da escolha pela militância como uma sagacidade em propagar uma sensibilização a respeito da temática negra.

> No meu caso, fiz um tipo de escolha, que foi a militância de rua, participando de organizações negras, de seminários, na medida em que nós, os intelectuais negros orgânicos somos tão poucos, realmente existe um grande leque de atividades para poder responder às exigências que nos são colocadas. E, ao mesmo tempo, existe uma militância, no nível do movimento (negro), que, a meu ver, é de uma grande importância de atuação nos meios não negros. Em nível da produção intelectual de um trabalho que desenvolvo numa universidade, uma militância que se revela extremamente gratificante inclusive, sob certos aspectos, embora muito doída porque é muito fácil você se fechar num canto e ficar discutindo internamente — isso

> não só em relação ao movimento negro, mas o movimento de mulheres, etc. — a grande questão é sair prá rua, ir se defrontar com o outro. (GONZALEZ, 2020, p. 311)

Esta demanda de estar em varios ambientes com um enfrentamento político coletivo a colocou como referência de liderança dentro do MNU - movimento negro unificado - IPCN e do NZINGA. Seu ativismo foi essencial para inserir um debate capaz de analisar aspectos de gênero, economia e raça. Foi em contato com a *práxis* onde conseguiu se fortalecer enquanto pensadora brasileira, de modo que a vivência experienciada na militância se tornou combustível para esse olhar que tinha como direção camadas políticas que precisavam ser questionadas enquanto estrutura social. O discurso da democracia racial esteve em frequente debate dentro desses movimentos, considerando o período que estavam vivenciando. Exista uma tentativa de divulgar a imagem do Brasil como um país onde negros e brancos encontravam-se em um local sem distinções, propagando uma suposta harmonia existente apenas neste imaginário criado pelas classes dominantes. "E era exatamente contra esse discurso da democracia racial brasileira que se colocava o movimento negro. Os ativistas passaram a questioná-lo, apontando e denunciando suas incoerências, uma vez que os negros não apenas tinham as piores condições de vida, mas também eram sistematicamente discriminados - inclusive perseguidos e mortos -durante o regime militar." (RATTS; RIOS, 2014. p.87-88). A crítica à ideologia do branqueamento[3], tratada por Lélia, exemplifica a noção de superioridade racial e cultural branca fortalecida com o mito da democracia racial e como, por ela, ocorreu o tal racismo à brasileira, que tem em sua natureza um disfarce quando se trata de determinar qual seria o *lugar do negro.* Essa ideologia produz a ocultação de traços que não estão dentro do referencial branco, ou seja, exercendo um branqueamento. Pensar nessas incoerências sobre "o negro" e o papel desenvolvido pelo movimento negro é também apresentar uma pluralidade que acontecia dentro desse movimento. Lélia compreendia o movimento negro não apenas na noção de singularidade, mas acentuava que eram *movimentos* que formavam este movimento. O lugar de partida desse movimento se deu em influências ancestrais, ela apontava que angolanos, congoleses e diversos outros. A consequência desse contato estava na importância dos quilombos enquanto primeiro abrigo, neles acontecia o que pode ser nomeado como um espaço que exercia uma pedagoginga[4] da sobrevivência. Como ela mesma coloca, o quilombo não era uma ideia de comunidade ultrapassada: "temos que voltar para dentro do quilombo e nos organizarmos melhor no

[3] "lógica da dominação que visa a dominação da negada mediante a internalização e a reprodução dos valores brancos ocidentais." (GONZALEZ, 1983, p.194)

[4] Termo utilizado para definir a junção de pedagogia e ginga como um instrumento de resistência.

sentido de dar um instrumental para esses que vão chegar e vão continuar o nosso trabalho" (entrevista para jornal do mnu). As referências ancestrais foram essenciais para a noção que se tem hoje do que chamamos de movimento negro, juntamente com o processo pós-abolição que também se articula com a presença de relações capitalistas-hegemonicas trazidas da parte euro-branca que somavam nesta constituição cultural.

> Só que nesse movimento cuja a especificidade é o significante negro, existem divêrgencias, mais ou menos fundas, quando ao modo de articulação dessa especificidade. Deve o negro assimilar e reproduzir tudo o que é eurobranco? Ou só transar o que é afro-negro? Ou somar os dois? Ou ter uma visão crítica de ambos? Deve o negro lutar pra vencer na vida através de seu esforço pessoal para, desse modo, provar que não é capaz quanto o branco? Ou lutar pelo conjunto da população negra? Juntamente com não negros também oprimidos? Ou não? Por um espaço nesta sociedade? Ou pela transformação da mesma? Etc. etc e tal … Os diferentes tipos de resposta a essas questões, e a muitas outras, acabam por remeter a gente a falar de movimentos negros… no Movimento Negro. Pois é. (GONZALEZ, 1982, p. 24)

Era importante adentrar em diversas esferas na tentativa de efetivar um trabalho de base na militância negra. Embora não tenha sido eleita, mesmo com tentativas de desenvolver uma carreira política, conseguiu auxiliar outros companheiros, como foi o caso de Abdias do Nascimento e de sua colega de luta, Beatriz do Nascimento, no desenvolvimento deste lugar elementar na luta por melhores condições para a população negra. Apesar de estar em diversificados espaços como ativista e intelectual, foi o debate sobre raça e gênero que estiveram mais abordados em seus escritos. O feminismo foi um grande ponto de sua trajetória dentro de seu ativismo político, para ela era importante falar enquanto *sujeito da própria fala,* dessa maneira a abordagem sobre a mulher negra toma espaço como uma das maiores referências de estudos ao longo de sua produção intelectual, não só como um espelho, mas também uma possibilidade de abrir o debate acerca de um corpo político que estava sendo constantemente silenciado. Considerando isso, Lélia faz uma crítica sobre a importância de um estudo rigoroso que tenha a interdisciplinaridade como elemento indispensável quando se pensa na formação cultural do Brasil. A temática da mulher negra surge como uma possibilidade de proporcionar reflexões, ligada a um caráter pluridisciplinar que elabora uma nova perspectiva cultural. Afinal para esta mulher restou a base, a fim de que a lógica da dominação se fizesse constante e eficaz impedindo novas possibilidades para este corpo político percebido por Lélia como o elemento mais perigoso para abalar a hegemonia branca, já que nele está contido o memorial vivo do que de fato somos enquanto povo de cor.

Partindo da Interdisciplinaridade

"Somos aqueles que foram obrigados a comer espinhos e são obrigados a vomitar flores porque a digestão não se realiza"
(Cuti)

Com uma formação múltipla que foi marcada por meio da práxis, Lélia organizou uma série de debates que envolveram diversas temáticas. Considerando isso seria difícil em apenas um trabalho abordar todas com excelência, por essa razão o foco deste capítulo será nas categorias mais destacadas nas produções da autora, tendo como ponto de partida de discussão a *formação cultural brasileira*, algumas categorias tais como racismo por denegação, feminismo afro-latino-americano e amefricanidade prevaleceram em suas análises, e foram pensadas como estratégia para compor e manifestar suas indagações enquanto pensadora. Dentre essas temáticas, o estudo relacionado à mulher negra aparece como um eixo central que será utilizado para integrar análises multidisciplinares feitas pela filósofa.

> A importância de Lélia Gonzalez na produção de um discurso crítico sobre a posição subalterna da mulher negra na sociedade brasileira é consenso no interior da militância feminista e negra em todo o país. (RATTS; RIOS, 2014, p. 73)

Com seu pensamento crítico sobre os efeitos sociais do lugar da mulher negra na sociedade brasileira, ela trabalha com noções da psicanálise que aparecem como referencial teórico para a compreensão da relação desenvolvida por colonizador e colonizado[5], duas delas se destacam em sua metodologia: *consciência* e *memória*. A noção de consciência seria "o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber" (GONZALEZ, 1984, p.194), enquanto memória "considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção." (GONZALEZ, 2018, p.194) A proposta está em uma interpretação do discurso dominante enquanto consciência, este discurso seria aquele exercido pelo eurocentrismo, que se fez enquanto fundamento do verdadeiro saber, ou do que seria o saber relevante, de modo que sua atuação se dá sobre aqueles que não fazem parte dessa estrutura e são consequentemente definidos enquanto o

[5] Em nossa opinião, a categoria de sujeito suposto saber enriquece ainda mais a compreensão dos mecanismos psíquicos inconscientes que são explicados na superioridade que o colonizado atribui ao colonizador. Nesse sentido, o eurocentrismo e seu efeito neocolonialista, mencionados acima, também são formas alienadas de uma teoria e prática que são percebidas como libertadoras. (GONZALEZ, 1988, p.310)

outro[6]. Consciência seria funcional a este discurso dominante, como Lélia expressa: *"consciência exclui o que a memória inclui"* (GONZALEZ, 2018, p.194). Já a memória pode ser entendida como a revelação daquilo que é inconsciente, colocando em prova a concepção de verdade definida pela consciência, a mesma resiste e pode ser percebida nas brechas deixadas pelo discurso dominante . Na descrição realizada por Lélia é possível notar sua tentativa em expressar através de teorias da psicanálise um debate histórico a respeito da negação da cultura brasileira.

> Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí, das duas, também chamado da dialética. E, no que se refere à gente, à crioulada, a gente saca que a consciência faz tudo prá nossa história ser esquecida, tirada de cena. E apela prá tudo nesse sentido. Só que tá aí…e fala. (GONZALEZ, 2018, p.194)

Há uma importância no uso da palavra *fala* que frequentemente aparece em seus artigos. Na aproximação com a psicanálise freudiana e lacaniana, existe um cunho de infantilização neste jogo da dialética entre classe dominante e classe dominada. Em outros termos, daqueles que são falados por aqueles que exercem constantemente à alocução.

> O conceito infantil é constituído a partir da análise da formação psíquica da criança que, quando falada pelos adultos na terceira pessoa, é, consequentemente, excluída, ignorada, ausente, apesar de sua presença; então esse discurso é reproduzido e fala de si mesmo na terceira pessoa (até o momento em que aprende a mudar os pronomes pessoais.) Da mesma forma, nós, mulheres e não brancos, fomos falados, definidos e classificados por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza. Para impor um lugar inferior dentro de sua hierarquia. (GONZALEZ, 2018, p.310).

A fala não é apenas uma ação individual, pode ser interpretada como um meio de comunicação influenciador no que diz respeito sobre quem e o que está sendo falado. Atenta a isso, a provocação manifestada em relação à fala é ligada com a ideia de que, ainda que exista uma articulação da fala permitida em cima dos que são falados pelo discurso dominante, a memória consegue gingar nas brechas deixadas por esse discurso. Intencional ou não, a fala acontece por aqueles que são falados, como Lélia menciona: "exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na

[6] "Se o Outro é aquele através do qual o eu se constitui, o Outrem será aquele intrinsecamente negado pelo ser, o limite de alteridade que o ser concede reconhecer e se espelhar" (CARNEIRO, 2005, p.27)

terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.” (GONZALEZ, 2018, p. 193-194).

Algumas narrativas revelam a ideia de naturalidade do lugar do negro na sociedade brasileira, partindo do infans “negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal.” (GONZALEZ, 2018, p. 193). Tais narrativas cooperam para uma imagem meritocrata fundada pelo mito do discurso da democracia racial, como forma de culpabilizar[7] a classe dominada por sua situação de vulnerabilidade. Este discurso determina um método de que este outro só será relevante ao seguir a fórmula branca de ascendência, uma dialética entre dominado e dominador, que localiza o colonizado como aquele que terá seus aspectos frequentemente extraídos pela lógica de exploração colonizadora. "Além da exploração econômica, o grupo branco dominante extrai uma *mais valia* psicológica, cultural e ideológica do colonizado” (HASENBALG, 1977, p. 50). Exatamente por isso a fala é interpretada como uma das manifestações da cultura, de maneira que o estudo sobre a composição da linguagem revela aspectos sociais, como Lélia declara que “cultura é o conjunto de manifestações simbólicas através das quais os sujeitos sociais expressam suas relações com a natureza e entre si.” (GONZALEZ, 2018, p.137) Vale relembrar uma análise feita por Fanon sobre a fala como dimensão da cultura: “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p.33)

Pensando nisso, Lélia entende o lugar da mulher negra na ordenação da cultura brasileira como uma importante interlocutora dessa memória. A mulher negra teve duas funções essenciais na categoria de escravo: trabalhadora do eito e mucama, A trabalhadora do eito, fortaleceu o trabalho no campo, esteve no protagonismo das articulações de resistência, e também nas revoltas e fugas de escravos. Já a mucama, localizava-se em uma lógica de servidão da casa grande. Está lavava, cozinhava, cuidava dos filhos dos senhores, é o que temos de mais antigo sobre a noção de serviço doméstico Por estar em condições vulneráveis, seu psicológico e emoções foram erradicados devido a estrutura racista e patriarcal que esteve condicionada, e foi pela própria sobrevivência que esta mulher precisou criar mecanismos de auto-preservação, para si e para o seu povo.

---

[7] Sim, do negro exige-se que seja um bom preto; isso posto, o resto vem naturalmente. Levá-lo a falar petit-nègre é aprisioná-lo a uma imagem, embebê-lo, vítima eterna de uma essência, de um aparecer pelo qual ele não é responsável. (FANON, 2008, p.47)

É recordando a função da Mãe Preta no imaginário coletivo que se tem uma percepção da influência racista e sexista sobre seu ofício desempenhado pela mulher negra. Precisamente pela sua existência e papel desenvolvido desde a mucama e trabalhadora do eito, é que a figura da Mãe Preta precisa ser investigada, visto que ainda há uma negação de seu fundamento para a formação social brasileira, o que Lélia faz é manifestar esse corpo antecedente, tal como o griot[8] que cuidaria dos saberes ancestrais ao mesmo tempo em que é encarregado de contar histórias da tradição, a Mãe Preta, esta figura materna, nos leva a um pensamento afro diaspórico do que é nosso enquanto memória ancestral.

> A função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da língua materna e a uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente (...) Ela passa prá gente esse mundo de coisas que a gente vai chamar de linguagem. E graças a ela, ao que ela passa, a gente entra na ordem da cultura, exatamente porque é ela quem nomeia o pai. (GONZALEZ, 2018, p. 205)

A autora estabelece uma relação onde a Mãe Preta seria a referência legítima da Mãe, o que é justificado sobre suas atribuições e serviços prestados que a ligam diretamente com a criança, já a paternidade ficaria dentro de uma percepção ficcional (espiritual) sobre o pai, que se aproxima de figuras míticas como Zumbi, uma forma de interpretar esse pai como uma onipotência em um posto de socorro. Restando para o homem branco e para a mulher branca o lugar do corno e da outra. A cultura brasileira que tanto é utilizada em datas festivas para atrair um olhar de um país de todos, tem pai e mãe, como é mencionado, o ocultamento do parentesco negro e ameríndio é uma estratégia da classe dominante que não consegue lidar com a neurose brasileira que concebeu

> No caso da formação sociocultural brasileira não podemos deixar de considerar o tripé que lhe deu origem e que, portanto, é o seu suporte. Estamos falando da contribuição ameríndia, da africana e da europeia. Como indígenas e negros foram escravizados e explorados pelos europeus." (...) suas manifestações culturais têm sido tiradas de cena, recalcadas pela classe dominante de origem europeia (mas bastante mestiçada, do ponto de vista racial), que as classifica como "folclore" e as coloca em museus de curiosidade, de coisas exóticas." (GONZALEZ, 2018, p. 137)

Por aqui, pode-se notar que existe uma influência por esses elementos culturais atribuídos a uma ideia folclórica. Um exemplo que pode ser identificado nessa zona

[8] Contadores de histórias, mensageiros oficiais, guardiões de tradições milenares: todos esses termos caracterizam o papel dos Griots, que na África Antiga eram responsáveis por firmar transações comerciais entre os impérios e comunidades e passar aos jovens ensinamentos culturais, sendo hoje em dia a prova viva da força da tradição oral entre os povos africanos. (PEREIRA, 2020)

folclorização é o estigma da mulata[9], seu posicionamento parte de um lugar concebido no exótico que está acompanhado pelo érotico. A noção da mulata é uma confirmação das opressões destinadas às mulheres negras, uma vez que essas estão sujeitas por aquilo que Lélia chama de *processo de tríplice descriminação* envolvendo raça, gênero e classe em sua composição, há um olhar constituido sobre o corpo negro que o coloca no campo do permitido, de tal modo que aconteça uma redução entre labor e sexo como forma de executar uma *lógica simbolica* sobre sua utilidade, se considerar como isso atinge mulheres negras cabe recordar a conhecida frase de Gilberto Freyre "branca para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar" (FREYRE, 2010, p. 48) Uma analise da filosofa brasileira Marilena Chaui retirada de um dos dialogos feitos por Lélia faz uma critica ao estigma dos corpos negros "Numa sociedade que separou espírito e corpo, fez do primeiro algo superior ao segundo, valoriza a razão contra a paixão, a inteligência contra a sensibilidade, o elogio da sensualidade rítmica dos negros e das mulatas é a forma acabada e perfeita do duplo nó: elogia-se aquilo mesmo que a sociedade inferioriza e condena"(CHAUÍ, 1984, p. 207). Reforçado em análises feitas por Lélia a partir de estudos do antropólogo estadunidense Marshall Sahlins.

> Segundo Sahlins, é devido à conexão com o sistema simbólico que o lugar da mulher negra em nossa sociedade como um lugar de inferioridade e pobreza é codificado em uma perspectiva étnica e racial. Essa mesma lógica simbólica determina a inclusão da mulata na categoria de objeto sexual. (GONZALEZ, 2018 p.165)

> Quando se diz que o português inventou a mulata, isso nos remete exatamente ao fato de ele ter instituído a raça negra como objeto a; e mulata é crioula, ou seja negra nascida no Brasil, não importando as construções baseadas nos diferentes tons de pele. Isso aí tem mais a ver com as explicações do saber constituído do que com o conhecimento. (GONZALEZ, 2018 p.170)

Esse artifício por parte da cultura dominante em determinar um lugar folclórico para as manifestações culturais desses grupos ameríndios e africanos, acaba por revelar sua heterogeneidade. Que abre "espaço" para massa dominada conforme suas exigências e predileção "afirma-se a heterogeneidade em face da ideologia dominante ocidental que, em sua fome de controle absoluto, só permite a afirmação da diferença justamente porque esta

[9] (...) foi em função de sua atuação como mucama, que a mulher negra deu origem á figura da "Mãe Preta", ou seja, aquela que efetivamente, ao menos em termos de primeira infância (fundamental na formação da estrutura psíquica de quem quer que seja), cuidou e educou os filhos de seus senhores, contando-lhes estórias sobre o quimbundo, e a mula sem cabeça e outras figuras do imaginário popular. (GONZALEZ, 2018, p.39).

não passa de um disfarce da sua exigência totalitária de homogeneidade transparente."[10] O ocultamento algumas vezes citado por parte da ideologia dominante faz parte da constituição do termo embasado na psicanálise neurose brasileira[11], que nos escritos da autora simboliza uma das mais antigas táticas de encobrimento deste *outro*

> uma expressão privilegiada do que chamaríamos de neurose cultural brasileira. Ora, sabemos que o neurótico constrói modos de ocultamento do sintoma porque isso lhe traz certos benefícios. Essa construção o liberta da angústia de se defrontar com o recalcamento. Na verdade, o texto em questão aponta para além do que pretende analisar. No momento em que fala de alguma coisa, negando-a, ele se revela como desconhecimento de si mesmo (GONZALEZ, 2018. p. 200)

Esta neurose à brasileira coopera com a negação enquanto povo de cor e contribui com o discurso da democracia racial, o que acaba por deslegitimar a diversidade composta na cultura. O conhecimento parte de uma perspectiva eurocêntrica que domina os espaços de poder na sociedade, e se apoia no recalcamento, relatar a marca desse recalcamento é revelar sua falta de conhecimento sobre si, é exprimir a atuação do neocolonialismo cultural no âmbito ideológico e político em nossa sociedade.

> Neurose esta que se traduz na negação do caráter pluricultural de nossa formação social e na imposição de uma educação unidirecionada (europocêntrica ou ocidentalizante) que violenta e desrespeita a alteridade. Acontece que pensar uma sociedade de forma democrática implica, fundamentalmente, pensá-la a partir de sua diversidade." (GONZALEZ, 2018, p.140)

Voltada para um debate relacionado ao neocolonialismo cultural, o capitalismo surge como fator importante de análise para a compreensão da expansão progressiva do grupo marginalizado. Lélia se empenhou em desdobrar as circunstâncias experienciadas pela classe trabalhadora, de forma que denunciasse o peso que uma grande parcela dessa massa enfrentava justamente por ter que lidar com o racismo e o sexismo, como condicionamentos de uma precariedade trabalhista. Em um dos seus principais textos sobre trabalho - *cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher*- , informou a existência de uma massa marginal composta em sua maioria pela população negra "A

[10] Introdução escrita, em 1984, para o livro de poemas Axés de Sangue e da Esperança, de Abdias Nascimento.In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: Resgate da Cultura Afro-Brasileira. 2. Rio de Janeiro: IPEAFRO, 1994.

[11] Segundo o psicanalista Freud neurose seria "como a expressão de um conflito entre os desejos do nosso inconsciente" para além dessa definição primeira Freud também fez subdivisões sobre a categoria, Lélia em contrapartida faz ligação da neurose com consciência para explicar o ocultamento da presença negra e ameríndia na cultura brasileira. (Porto: Porto Editora, 2003-2021.)

formação de uma massa marginal, de um lado, assim como a dependência neocolonial e a manutenção de formas produtivas anteriores, de outro, vão constituir os fatores acima citados." (GONZALEZ, 2018, p. 55) O racismo em articulação com o capitalismo foi abordado por Lélia incansavelmente em seus textos, era evidente que o espaço de trabalho destinado a pessoas negras passava por um sistema precário desde a educação, até em questões básicas como moradia e acesso ao sistema de saúde. "A maior concentração da população negra ocorre exatamente no chamado Brasil subdesenvolvido" (GONZALEZ, 2018, p. 57) Partindo do caso brasileiro a autora enfatiza, como é crucial para o desenvolvimento das relações trabalhistas relacionar a permanência de pessoas negras em locais subdesenvolvidos de serviço, garantindo uma mão de obra desvalorizada.

> E falemos do caso brasileiro, esclarecendo a articulação entre as categorias de raça, classe, sexo e poder - desmacara as estruturas de dominação de uma sociedade e de um Estado que considera "natural" o fato de que quatro quintos da força de trabalho negra são mantidos presos em uma espécie de cinto socioeconômico que "lhes oferece a oportunidade" de trabalho manual e não qualificado (GONZALEZ, 2018. p.316)

A hegemonia presente na divisão do trabalho foi entendida como uma articulação ideológica do racismo exercida em conjunto com o capitalismo. Acentuando raça e gênero no mercado de trabalho e com isso expondo os mecanismos de recrutamento por parte do capitalismo monopolista.

> O racismo - enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas-denota sua eficácia estrutural na medida em que estabelece uma divisão racial do trabalho é compartilhado por todas as formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas. Em termos de manutenção do equilíbrio do sistema como um todo, ele é um dos critérios de maior importância na articulação dos mecanismos de recrutamento para as posições na estrutura de classes e no sistema da estratificação social. Desnecessário dizer que a população negra, em termos de capitalista monopolista, é que vai construir, em sua grande maioria, a massa marginal crescente. (GONZALEZ, 2018, p. 97)

A formação da massa marginal faz parte de uma série de fragilidades existentes e propositais do sistema capitalista. Em vista disso era essencial reconhecer a existência de uma classe dominante peça na má distribuição de renda, considerando que essa classe se beneficia das mais diversas violências enfrentadas pela massa marginal, sua ascensão se dá pelas vias do capitalismo monopolista hegemônico. Tendo em conta esse viés econômico há uma introdução por parte da autora em explicar os três processos coexistentes do

capitalismo[12]: capitalismo comercial, capitalismo industrial competitivo e capitalismo industrial monopolista segundo ela os três desempenham papéis diferentes, mas importantes quando se reflete em sua influência na condição de vida da massa marginal. Esses três modos do capitalismo passam por uma relação direta com aquilo que chamou de dualismo estrutural, em sua composição esse dualismo tinha o sociológico e o econômico como eixos necessários para entender a formação das periferias[13], a não funcionalidade associada às camadas de baixo, pode ser lida como uma noção supérflua e descartável que contribui com a continuidade dessa massa marginal.

> O debate em torno do "dualismo estrutural" (sociológico e econômico) das formações periféricas, por exemplo, não se apercebe que num sistema cujas partes apresentam contradições estruturais que o ameaçam, a manutenção do equilíbrio consiste exatamente em minimizar a interdependência dessas partes, em fragmentar de certo modo o conjunto. Assim, sendo a não-funcionalidade da massa marginal acaba por se converter em "afuncionalidade", o que favorece os diferentes níveis de autonomia dos subsistemas em que se acha contida. (GONZALEZ, 2018, p. 58)

Para se manter em equilíbrio esse sistema se firma na agitação constante dessas contradições estruturais, justamente por existir diversos modos de interação de cada setor nesse processo. Em função disso, a instância do ideológico e do econômico são tão importantes nesse mecanismo excludente, na medida que se mantêm ativos nas engrenagens do sistema capitalista hegemônico. Motivada por essas demandas relacionadas ao mercado de trabalho, é notável o empenho por parte da pensadora que buscou inserir em teorias políticas a temática racial em razão da correlação entre corpos racializados e trabalhos inferiores, de uma forma que elevasse as reivindicações da população mais pobre, e contribuísse com políticas públicas capazes de considerar tais demandas. Suas colocações acompanhavam o período em que ainda era escassa a presença de pessoas racializadas na universidade e setores elevados no mercado de trabalho. A motivação por trás desse empenho revela um país que precisava de

---

[12] Em termos de formação econômica, coexistem no Brasil três processos qualitativamente distintos de acumulação: capital comercial, capital industrial competitivo e capital industrial monopolista. Cabe ao capital monopolista a hegemonia sobre os demais, dadas as articulações entre os três setores (formas pré capitalistas de exploração da mão de obra: capitalismo competitivo e capitalismo monopolista com seus respectivos mercados de trabalho). Tal tipo coexistência, por um lado, demonstra que esse desenvolvimento desigual e dependente mescla e integra momentos históricos diversos. E, em termos de superpopulação relativa, é importante ressaltar que ocorre na constituição desse sistema não somente um exército industrial de reserva, mas uma massa marginal crescente, em face do mercado de trabalho do setor hegemônico. (GONZALEZ, 2018, p. 42).

[13] Ora, na medida em que a população escrava sofreu deslocamentos geográficos que obedeciam às exigências da produção econômica (ciclos do açúcar, da mineração, etc.), a população de cor livre permaneceu nas regiões de origem e reverteu para as atividades de subsistência ou mesmo desvinculação econômica e social.

uma frente negra[14] com lideranças políticas em variados espaços, capazes de possibilitar um deslocamento na formação desse tecido social carregado de retrocessos. Com sua participação no MNU, NZINGA, e diversificados movimentos sociais Lélia se fez atuante como uma referência contemporânea de luta e organização, seu movimento pode ser percebido no presente como resultado de sua dedicação em estimular diálogos eficientes que pudessem ser transformadores.

> Sempre criticando o "lugar de negro", isto é, o espaço social e as áreas de trabalho e de moradia inferiorizadas destinadas à população negra desde os tempos da escravidão, os artigos e falas públicas de Lélia deixam entrever sua análise desses espaços móveis ou fixos que foram apropriados por grupos negros. (RATTS; RIOS, 2014, p. 145)

Nos estudos relativos as demandas da população mais vulnerável, constatou como genero e raça eram cumplices ao estimular esse lugar da subordinação frequente atribuído há mulheres racializadas na sociedade brasileira “Ora, na medida em que existe uma divisão racial e sexual de trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de triplice discriminação sofrido pela munher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho”(GONZALEZ, 2018, p. 42) As qualificações trabalhistas que restaram para essa mulher que está enfrentando múltiplas opressões, ficou resumida em categorias de trabalho ligadas com a prestação de serviços domésticos, um legado do período escravista. Tal apontamento implica sexismo e racismo como segmentos da ideologia de dominação, também presente em ambientes progressistas destacando o caso do feminismo, que segundo a autora exercia um esquecimento vinculado à raça facilmente notável.

> Exatamente porque tanto o sexismo como racismo partem de diferenças biológicas para se estabelecerem como ideologias de dominação. Surge, portanto, a pergunta: como podemos explicar esse “esquecimento” por parte do feminismo? A resposta, em nossa opinião, está no que alguns cientistas sociais caracterizam como racismo por omissão e cujas raízes, dizemos, estão em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista. (GONZALEZ, 2018, p. 309)

Considerando tal situação, Lélia faz algumas criticas ao movimento feminista, que em diversas situações ignorou a situação da mulher negra no meio social, com a justificativa de que adentrar em pautas raciais poderia causar uma rachadura no interior do movimento. Desconsiderando assim, que uma parcela do privilégio exercido por mulheres brancas, existia

[14] O movimento negro desempenhou um papel de extrema relevância na luta antirracista em nosso país, sensibilizando inclusive os setores não negros e buscando mobilizar as diferentes áreas da comunidade afro-brasileira para a discurssão do racismo e suas práticas. (GONZALEZ, 2020, p. 101).

as custas da opressão de pessoas racializadas, em especial mulheres negras. Tal negação por parte de feministas brancas indica um sinal do racismo perceptível nas relações entre mulheres brancas e mulheres negras, como foi manifestado pela intelectual em alguns de seus diálogos.

> Enquanto isso, nossas experiências com o movimento de mulheres se caracterizavam como bastante contraditórias: em nossas participações em seus encontros ou congressos, muitas vezes éramos consideradas "agressivas" ou "não feministas" porque sempre insistimos que o racismo e suas práticas devem ser levados em conta nas lutas feministas, exatamente porque, como o sexismo, constituem formas estruturais de opressão e exploração em sociedades como a nossa. (GONZALEZ, 2020. p. 104)

Lélia expõe que algumas dessas feministas em que teve contato ao longo de sua trajetória ficaram contrariadas quando pautas ligadas à exploração de empregadas domésticas entraram no debate, pois tinham como argumento que o trabalho possibilitaria uma libertação e independência para as mulheres, não levando em conta que as vias de emprego eram distintas se comparar oportunidades de serviço entre esses dois grupos. Outro ponto que causava divergencia, era a questão da violência sofrida pelo homem negro, quando levantada por mulheres negras, era relativizada e muitas vezes deixada de lado. Constatando então a existência de um hiato do social e racial que diferenciava a luta e urgência dessas mulheres. Uma crítica ao feminismo ocidental, que possuía em seu centro resquícios do imperialismo cultural.

> As contradições e ambiguidades permanecem, uma vez que, enquanto originário do movimento de mulheres ocidental, o movimento de mulheres brasileiro não deixa de reproduzir o "imperialismo cultural" daquele. E, nesse sentido, não podemos esquecer que alguns setores do movimento de mulheres não tem o menor escrúpulo em manipular o que chama de "mulheres de base" ou "populares" como simples massa de manobra a aprovação de suas propostas (determinadas pela direção masculina de certos partidos políticos). Mas, por outro lado, muitas "feministas" adotam posturas elitistas e discriminatórias com relação a essas mesmas mulheres populares. (GONZALEZ, 2020. p. 104)

Mesmo com essas observações relacionadas ao movimento de mulheres, Lélia conseguiu encontrar em algumas feministas brancas uma aliança que fazia questão de considerar quando mencionava sobre coletividade. A respeito dessas aliadas de luta se referia como mulheres-execeções "tentarei destacar as iniciativas de aproximação, solidariedade e respeito à diferença por camaradas brancas efetivamente comprometidas com a causa feminista. A essas mulheres-exceções eu chamo de irmãs." (GONZALEZ, 2018. p. 308)

Através das trocas vividas nesses ambientes de debate sobre feminismo e da influência de algumas viagens feitas pela pensadora, ocorreu um incentivo no desenvolvimento de uma categoria que fosse abrangente ao tratar das necessidades de mulheres latino americanas. Este tema ficou marcado em um dos seus mais conhecidos textos *Por um feminismo afro-latino-americano* onde abordou barreiras presente no interior do feminismo latino americano que dificultavam uma abertura em introduzir raça em suas pautas, no qual destacou o tópico de mulheres indígenas, entendendo sua posição enquanto estudiosa do assunto ao citá-lo. “Não posso falar na primeira pessoa do singular de algo dolorosamente comum a milhões de mulheres que vivem na região; refiro-me às ameríndias e africanas, subordinadas a uma latinidade que legitima sua inferioridade”.(GONZALEZ, 2018, p.308) Visando que era necessário uma sensibilidade ao interpretar a inferioridade atribuída há mulheres racializadas Lélia recorreu a estudos elaborados ao investigar a história da formação da América Latina, onde constatou que o caráter multirracial e pluricultural eram indissociáveis na formação de uma teoria feminista potente.

> Por tudo isso, o feminismo latino-americano perde muito de sua força abstraindo um fato da maior importância: o caráter multirracial e pluricultural das sociedades da região. Lidar, por exemplo, com a divisão sexual do trabalho sem articulá-la com a correspondente ao nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco. (GONZALEZ, 2018, p. 310)

Como mencionado é nas circunstâncias históricas que se percebe raça e gênero como fatores fundamentais para a sustentação das hierarquias contidas nas sociedades latino-americanas [15] “Nesse contexto, a segregação de mestiços, índios ou negros se torna desnecessária, porque a*s hierarquias garantem a superioridade dos brancos como grupo dominante*.”(GONZALEZ, 2018, p.312) O que também assegura uma noção de superioridade ocidental branca, posto que essa detêm os meios de comunicação que difundem suas ideologias para a massa. “Transmitida pelos meios de comunicação de massas e pelos aparatos ideológicos tradicionais, reproduz e perpetua a crença de que as classificações e valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais.”(GONZALEZ, 2018, p. 312) . Para os que não fazem parte dessa classe dominante, há um desejo de acessar essa brancura, já que é nela que está uma referência de dignidade. Enquanto a mesma conduz e reforça estereótipos negativos sobre pessoas racializadas. A junção desse apagamento e

[15] Herdeiras históricas das ideologias da classificação social (racial e sexual), bem como das técnicas legais e administrativas das metrópoles ibéricas, as sociedades latino-americanas não puderem deixar de se caracterizar como hierárquicas. GONZALEZ, 2018, p. 312)

referencial concentrado na classe dominante incorporou a *ideologia do branqueamento* como um dos aspectos motivadores do afastamento de sua própria cultura.“O racismo latino-americano é sofisticado o suficiente para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados dentro das classes mais exploradas graças á sua forma ideologica mais eficaz: *a ideologia do branqueamento*. (GONZALEZ, 2018, p. 312).

> “Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca prova sua eficácia pelos efeitos da violenta desintegração e fragmentação da identidade étnica produzida por ele; o desejo de se tornar branco (“limpar o sangue”, como se diz no Brasil) é internalizado com a consequente negação da própria raça, da própria cultura.” (GONZALEZ, 2018, p. 312).

Como é ressaltado pela autora o racismo tem seu modo de atuar, podendo ser classificado em duas categorias: racismo aberto e racismo disfarçado. No caso do racismo aberto há uma noção de segregação de grupos racializados perante ao grupo branco, este leva em consideração que pessoas negras são aquelas que possuem antepassados negros[16]. Ignorando dessa forma a miscigenação, ainda que aconteça uma violência sexual sofrida por mulheres negras. Por outro lado, o racismo disfarçado também nomeado como *racismo por negação* é vigente nas sociedades latinas, visto que exerce uma correlação de miscigenação com democracia racial promovendo uma falsa ideia igualitária entre raças. “Já no caso das sociedades de origem latina, temos o racismo disfarçado ou, como eu o classifico, o racismo por negação. Aqui, prevalecem as “teorias” da miscigenação, da assimilação e da “democracia racial”. (GONZALEZ, 2018, p.324) Em suma essas razões de dependência neocolonialista exercem uma negação da cultura latino americana, que tem em sua configuração variados aspectos regionais, tendo exposto em sua faceta o caráter multicultural, multilingue e multiétnico[17]. Derivado desse debate, surge a necessidade por parte da filosofa, de trabalhar em cima de uma categoria que elevasse a presença negra na constituição dessa América deslocar-se da ideologia imperialista. Baseada na reflexão feita por Betty Milan, e abordada por M.D Magno. Lélia retoma o debate sobre a existência de uma Améfrica Ladina.[18]

---

[16] Caracteristico das sociedades de origem anglo-saxônica, germânicaou holandesa, estabelece que negra é a pessoa que tenha tido antepassados negros (“sangue negro nas veias”). (GONZALEZ, 2018, p. 324)

[17] O Estatuto da Autonomia é uma das grandes conquistas de um povo que luta “para construir uma nova nação multiétnica, multicultural e multilingue, baseada na democracia, no pluralismo, no anti-imperialismo e na eliminação da exploração e opressão social em todas as suas formas” (GONZALEZ, 2018, p. 325)

[18] America Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o T pelo D para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: Améfrica Latina (não é por acaso que a neurose cultural brasileira tem no racismo o seu sintoma por excelência. (GONZALEZ, 2018, p. 321)

> Trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. (...) A presença negra na construção cultural do continente americano me levaram a pensar a necessidade de elaboração de uma categoria que não se restringiu apenas no caso brasileiro e que, efetuando uma abordagem mais ampla, levasse em consideração as exigências da interdisciplinaridade. Desse modo, comecei a refletir sobre a categoria de amefricanidade. (GONZALEZ, 2018, p. 321-323)

Através de observações feitas sobre territorialidade, linguagem e política é possível captar as primeiras demarcações dessa amefricanização, tendo como ponto de partida o reconhecimento da participação de povos africanos no processo histórico da América, o que possibilita uma contemplação de sua totalidade.

> As implicações políticas e culturais da categoria de amefricanidade (Amefricanity) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). (GONZALEZ, 2018, p. 329).

É legítimo afirmar que a amefricanidade se fortalece na reinterpretação e criação de modelos afrocentrados desempenhados pela resistência e coletividade daqueles que a enxergam como um caminho para contemplar a herança africana enquanto referência de luta. "(...) enquanto descendentes de africanos, a herança africana sempre foi a grande fonte revificadora de nossas forças." (GONZALEZ, 2018, p. 331) Importante destacar que tal categoria tem um vínculo com outras correntes de pensamento como o *pan-africanismo, négritude e afrocentricidade* ambos usados como orientação pela pensadora.

> Seu valor metodológico, a meu ver, está de fato de permitir a possibilidade de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo. Ontem como hoje, amefricanos oriundos dos mais diferentes países têm desempenhado um papel crucial na elaboração dessa amefricanidade que identifica na diáspora uma experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada. (GONZALEZ, 2018, p. 330)

A experiência histórica contida nessa diáspora proporciona um olhar lúcido, que reconhece a vivência dos amefricanos para além de uma exaltação fictícia da África como único direcionamento. "Assumindo nossa amefricanidade, podemos ultrapassar uma visão

idealizada, imaginária ou mitificada da Àfrica e, ao mesmo tempo, voltar o nosso olhar para a realidade em que vivem todos os amefricanos do continente.” (GONZALEZ, 2018, p. 331) O empenho de Lélia em manifestar a amefricanidade como uma organização cultural que teve como origem (*quilombos, cimarrones, cumbes, palenques, marronages e maroon societies),* delara uma pensadora preocupada com a formação cultural de um povo constantemente retirado de cena, seus estudos e participações em variados movimentos políticos à posicionou em um cargo solene e memorável na história desse país. Localizando a enquanto formadora de um pensamento cultural afro-latino-americano.

À Filósofa

> *“Além disso, o seguinte: sou negra e mulher. Isso não significa que eu sou a mulata gostosa, a doméstica escrava ou a mãe preta de bom coração. Escreve isso aí, esse é o meu recado pra mulher preta brasileira. Na boa”*
>
> Lélia Gonzalez

Dialogando com teorias de gênero, Lélia esteve vinculada com o movimento feminista extendido em suas interveções políticas até o fim de seu legado, testemunhando um esquecimento no interior do movimento negro ao dialogar sobre aposição da mulher negra na sociedade. “Desnecessario dizer que o movimento negro, não deixava (e nem deixou ainda) de reproduzir certas práticas originárias da ideologia dominante, sobretudo no que diz respeito ao sexismo.”(GONZALEZ, 2020, p.102) A relação firmada por Lélia no movimento negro, contava com o suporte de outras líderes políticas, assim como Beatriz do Nascimento historiadora e ativista lembrada com afeto no decorrer de seu percuso político. Embora esse movimento fosse formado em sua grande parcela pela participação de mulheres negras, suas urgências não tinham visibilidade. Essas mulheres já se organizavam em torno de uma coletividade, e era na partilha de suas vivências que tinham como ponto de partida o estimulo para a construção de um feminismo negro.

> E fato da maior importância (comumente “esquecido” pelo próprio movimento negro) era justamente o da atuação das mulheres negras, que, ao que parece, antes mesmo da existência de organizações do movimento de mulheres se reuniram para discutir o seu cotiadiano, marcado, por um lado, pela discriminação racial e, por outro, pelo machismo não só dos homens brancos mas dos próprios negros. (GONZALEZ, 2020, p. 102)

Fundamentado na solidariedade o feminismo negro se diferenciava do feminismo ocidental. Pela a discriminação racial sofrida por mulheres negras , evidencia fato dessa organização politica de mulheres negras partir do movimento negro, e não mediante ao feminismo ocidental. Como relatado pela autora, mulheres negras dominam o espaço de ativismo e são cruciais na luta antirracista no país.

> Por aí dá pra entender por que o primeiro passo que a mulher negra dá em termos de conscientização, tem a ver com a luta contra o racismo, posto que não só ela, mas seus filhos, irmãos, parentes, companheiros, amigos e conhecidos dele são vítimas. Depois é que ela saca o lance do sexismo. Sua participação nos movimentos negros foi e tem sido cada vez mais intensa, da maior significação. Quando a gente anda por este Brasil afora e conhece os movimentos negros regionais, uma coisa se evidencia com a maior clareza: a presença crescente, e muitas vezes majortária, do mulherio. (GONZALEZ, 2018, p. 115)

A dimensão cultural manifestada por meio da ancestralidade que havia nos relatos da autora, potencializou um olhar quanto à noção de comunidade vivida por mulheres negras. Lélia identificava essas mulheres como herdeiras dos quilombolas “A mulher negra tem sido quilombola exatamente porque, graças a ela, podemos dizer que a identidade cultural brasileira passa necessariamente pelo negro.” (GONZALEZ, 2018, p. 115) Lélia tinha consciência que não era possível pensar em estratégias de ativismo refletindo somente pelo ângulo do sofrimento, como é indicado pelas professoras Flávia Rios e Márcia Lima “Lélia pontuava a necessidade da construção de um viés interpretativo a partir do olhar e da experiência das mulheres negras e suas vivências sem neutralizá-las."(RIOS; LIMA, 2020, p. 12) .Há inúmeros saberes que ecoam por toda uma classe de mulheres anônimas, essas portam a herança e representam figuras históricas pioneiras no feminismo negro.

> Nesse sentido, ela é a grande herdeira dos quilombos, como Dandara e Luísa Mahin, de Tia Ciata e Mãe Senhora; mas sobremodo da grande massa anônima que na casa-grande ou na senzala, no eito ou nos quilombos, no candomblé ou na umbanda, nos ranchos ou nos afoxés garantiu a sobrevivência de todo um povo enquanto raça e cultura. (GONZALEZ, 2018, p. 115)

A evidência de uma rede de mulheres destacadas em diferentes momentos da história, também é percebida nessa grande massa anônima reconhecida pela autora, que consegue unir na ancestralidade mitológica essa soma do mulherio. Ao anunciar a figura de Nanny, Lélia descreve a força mítica simbolizante de tantas mulheres negras, as histórias sobre a heroína jamaicana serviram de inspiração para relacioná-la como princípio de uma civilização. O que

enfatiza a valorização das mulheres negras como pilares da sobrevivência dessa comunidade intitulada de amefricanidade.

> As lendas a seu respeito sublinham o caráter sobrenatural de Nanny; seus grandes poderes derivam do seu contato e conhecimento íntimo do mundo do espírito, isto é, do reino dos ancestrais. Nesse sentido, enquanto mediadora entre vivos e mortos, ela simboliza a continuidade das sociedades maroons do espaço e tempo. (...) O fato é que Nanny, espécie de Oiá/Iansã, constituiu-se num dos grandes pilares dessa amefricanidade que nos alerta e sustenta nossas lutas atuais, amefricanas de todas as regiões. (GONZALEZ, 2018, p. 339-341)

As problematizações em relação a submissão encarada por mulheres negras na sociedade, a todo momento são citadas pela filósofa, e serviram como base na expanção do feminismo negro na America Latina, um deslocamento que conseguiu incluir a perspectiva de outras pensadoras como a antropologa colombiana Mara Viveros Vigoya e a teorica feminista afro - dominicana Ochy Curiel ambas refletindo sobre pensamento decolonial. Essa aproximação foi bastante significativa visto que intelectuais norte americanas estiveram em uma posição de refêrencia sobre feminismo negro, como alegado por Lélia. “ Mas esse feminismo negro não é um fenomeno apenas brasileiro. Justamente por colocar no sexo a sua tônica, por considerá-lo o elemento essencial que norteia suas aspirações, ele se isolou do movimento de mulheres negras no Estados Unidos” (GONZALEZ, 2018, p. 365) . A um destaque para o movimento feminista norte americano, retratado nas intervenções feita pela filosofa que aparecem ao citar Alice Walker e Simone de Beauvoir enquanto representantes do feminismo.

> Em consequência, umas das maiores representantes desse país partiu para uma reflexão crítica sobre a noção de *feminismo*, contrapondo-lhe uma outra: a de *mulherismo* (womanism). Trata-se de Alice Walker, nossa conhecida graças à tradução de dois de seus livros: *A cor púrpura* e *Ninguém segura essa mulher*. Sem descartar as importantes contribuições do feminismo para o movimento de mulheres como um todo, Walker amplia e aprofunda a reflexão feminista ao colocar a questão que eu traduziria por *mulheridade*. Exatamente porque, ao meu ver, ela resgata o pensamento de outra mulher extraordinária, Simone de Beauvoir, quando esta afirma que a não nasce mulher, mas se torna (costumo retomar essa linha de pensamento no sentido da questão racial: a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha etc., mas se tornar negra é uma conquista). (GONZALEZ, 2018, p. 365)

O desempenho em dialogar com variadas intelectuais reflete na prática adotada por Lélia na composição de seu pensamento múltiplo. A dedicação e ofício da pensadora são homenageados e adotados por intelectuais contemporâneas das mais diversas áreas que

enxergam em Lélia uma orientação para um projeto de transformação social. Como é o caso da filósofa norte-americana Angela Davis, detentora de uma produção intelectual semelhante aos assuntos explorados por Lélia Gonzalez. Em sua última vinda ao Brasil, Angela Davis manifesta uma indagação associada a importância do pensamento da filósofa brasileira para o feminismo negro.

> "Eu me sinto estranha quando sinto que estou sendo escolhida para representar o feminismo negro. E por que aqui no Brasil vocês precisam buscar essa referência nos Estados Unidos? Eu acho que aprendo mais com Lélia Gonzalez do que vocês poderiam aprender comigo", argumentou Davis. (CHAGAS, 2019)

O questionamento levantado pela intelectual sobre a não procura do trabalho de Lélia Gonzalez como referência do feminismo negro, pode ser ampliado a área academica, mais precisamente a propria noção de Lélia enquanto filosofa brasileira. Embora seja mencionada no meio, seu reconhecimento está associado basicamente às ciências sociais, deixando de fora toda a elaboração de um pensamento decolonial que envolveu a filosofia como premissa. A professora Raquel Barreto, estudiosa da obra de Lélia, sinaliza esse apagamento recorrente.

> Os efeitos do racismo e da supremaia branca no Brasil tem, sistemática e concretamente, invisibilizando, apagado e silenciado, no campo epistemológico, vozes destoantes ao seu projeto. Além da subalternização e desqualificação das produções de conhecimentos negras. O processo acentua-se ainda mais quando se tratam de mulheres negras. Dito isso, entende-se o porquê de Lélia não estar inclusa no cânone do pensamento nacional ao lado dos intérpretes fundamentais do Brasil, constantemente reeditados e debatidos, enquanto que as contribuições e inovações dessa grande intelectual para pensarmos as relações raciais, e principalmente, sua interpretação da nação, que é negra, estarem, até agora, praticamente desconhecidas. É preciso conhecê-las. (BARRETO, 2018, p. 27)

Sua significância contempla mais do que um pioneirismo no movimento negro, as formulações propostas pela pensadora declaram uma influência basilar quando se pensa em uma filosofia no Brasil. Apesar de uma vida que repercutiu sua importância no âmbito político e educacional, é perceptível o apagamento de seu trabalho como produtora de um pensamento filosófico. Assim como colocado em outros momentos deste trabalho, Lélia entendeu sua formação acadêmica como um componente atuante do embranquecimento na educação que recebeu. Parte de seus diálogos exibe a designação do neocolonialismo, acerca do que vem do negroafricano. Uma hierarquia que posiciona a razão como parte da superioridade branca, ao mesmo tempo que inferioriza a emoção ligada à negritude.

> Embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: o racismo, essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim com parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades. [...] o racismo estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a 'superioridade' branca ocidental à 'inferioridade' negroafricana. A África é o continente 'obscuro', sem uma história própria (Hegel); por isso, a Razão é branca, enquanto a Emoção é negra. (GONZALEZ *apud* CARDOSO, 2014, p. 6-7)

O discurso emocional associado à fala de mulheres negras é rebatido pela autora, que percebe o paternalismo nessa caracterização, e salienta para uma ligação com a razão. “Para nós, é importante ressaltar que emoção, subjetividade e outras atribuições dadas ao nosso discurso não implicam numa renúncia à razão, mas, ao contrário, num modo de torná-la mais concreta, mais humana e menos abstrata e/ou metafísica. Trata-se, no nosso caso, de uma outra razão.” (GONZALEZ, 2018, p. 75) . Em vista disso é possível perceber um cânone eurocêntrico no ensino, direcionando saberes fora dele para o espaço extracurricular quando citados, o que deixa em evidência o modo operante do epistemicídio. A pensadora brasileira Sueli Carneiro dialoga com esse argumento já denunciado por Lélia como um *discurso pedagógico internalizado* tal discurso retira diversificadas formas de aprendizado, deixando apenas conhecimentos ligados ao Ocidente com a importância de serem estudados.

> O conceito de epistemicídio permite-nos adentrar essas esferas, em que a identidade negativa atribuída ao Outro, o é, particularmente no que respeita à sua incapacidade de elevar-se à condição de sujeito de conhecimento nos termos validados pelo Ocidente, ou de ser portador de conhecimentos relevantes do ponto de vista dessa mesma tradição. (...) conflito entre a subjetividade fragmentada - construída no entroncamento de uma herança cultural esfacelada pela violência colonial, com a imposição dos valores ocidentais, via aculturação - e a impossibilidade determinada tanto pelo ideário racista, quanto pelas condições históricas, de realizar plenamente qualquer das duas determinações. (CARNEIRO, 2005, p. 277)

Em suma, a filosofia exerce essa ideia de relevância associada ao Ocidente. A composição desse pensamento filosófico relevante passa por uma regra que reverencia o masculino e branco enquanto pré-requisitos para se somar na bibliografia a ser lida e estudada. Como demonstrado por Aline Matos em seu trabalho *Pensar o invisível: as mulheres negras como produtoras de pensamento filosófico* há uma falta quando se reflete sobre mulheres negras e produção intelectual “O espaço da filosofia é hegemonizado pela masculinidade branca que necessita construir o não-ser para potencializar o Ser, deste modo, na história da filosofia há uma profunda lacuna e imaginário limitado sobre mulheres negras

como agentes de produção de pensamento filosófico.” (MATOS, 2014) Considerando o molde feito nas instituições de ensino que carregam em seu interior o eurocentrismo[19], pode se notar como isso reverbera diretamente em mulheres negras enquanto produtoras de pensamento. Se para mulher negra resta a sustentação da base, não é difícil imaginar que é transmitido para dentro do espaço acadêmico uma configuração que agencia essa invisibilidade e desconsidera a interseccionalidade[20] em seu meio. Lélia reconhece que para mergulhar em estudos referentes a cultura brasileira é fundamental considerar a participação de mulheres negras “(...) a profunda importância do papel da mulher negra em nossa sociedade e como os estudo deste tema assume um valor de tal ordem que acaba por revelar certos aspectos de nossa realidade cultural que muitos pesquisadores nem sequer desconfiam.” (GONZALEZ, 2018, p. 41) Ainda que tivessem em comum o racismo como ponto de partida, em sua produção acadêmica nota-se uma ligação com múltiplos temas e fundamentos considerados clássicos da filosofia, psicanálise e ciências sociais. Mesmo com tais influências eruditas, foi no pretuguês que encontrou a principal característica em comunicar sua escrita, o que possibilitou uma interação com manifestações amefricanas do dialeto brasileiro, comprovando sua habilidade eclética em fazer a transa que tanto citava. Toda ação contrária às definições fundamentadas por uma ótica racista sobre o que somos, pode ser entendida como uma prática emancipatória, que retira a concepção daqueles que precisam ser falados por uma ideologia dominante destrutiva e opressora . Convém considerar o movimento de resistência que é assumir a própria fala, constantemente lembrado pela filósofa.

> “Ao nos impor um lugar inferior dentro de sua hierarquia (sustentado por nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade precisamente porque nos nega o direito de ser sujeitos não apenas de nosso próprio discurso, mas de nossa própria história.”(GONZALEZ, 2018, p. 182)
> “Estão negando a nossa possibilidade, enquanto povo brasileiro, de assumir nossa própria identidade, nosso próprio destino e nosso próprio futuro. (GONZALEZ, 2020, p. 182)

Lélia Gonzalez acreditava na possibilidade de reformular uma identidade cultural que contemplasse sua diversidade, e fosse contínua “Não é fácil, só na prática é que vai se

[19] Aí a gente cai diretamente na questão do eurocentrismo; se percebe que a sociedade brasileira como um todo é uma sociedade culturalmente alienada, culturalmente colonizada, na medida em que todos os valores de um pensamento, de uma arte, enfim, de tudo que vem da Europa, do mundo ocidental, é o grande barato. (GONZALEZ, 2020, p. 291)

[20] O conceito de interseccionalidade foi sistematizado pela feminista norte-americana Kimberlé Crenshaw, e inaugurado por ela em artigo publicado em 1989, Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e políticas antirracistas desde então, o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, o sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. (CRENSHAW, 1991, p. 54)

percebendo e construindo a identidade, porque o que está colocando em questão também é justamente uma identidade a ser construída, reconstruída, num processo dialético realmente muito rico.” (GONZALEZ, 2020, p. 269) Sua voz tá aí, e fala por intermédio de um movimento iniciado pela intelectual em conjunto a outros líderes políticos, que reverbera nas novas gerações que buscam na educação um aliado para exercer suas falas. Restando então o interesse em incorporar seus estudos, e elevar cada vez mais o barulho revolucionário causado pela fala dessa intelectual orgânica.

Conclusão

Tome minha boca pra que eu só fale
Aquilo que eu deveria dizer
A caneta, a folha, o lápis
Agora que eu comecei a escrever
Que eu nunca me cale.
Bia Ferreira

A grandeza de Lélia não cabe em um trabalho, seria necessária outras análises para detalhar toda sua produção. O papel desempenhado pela intelectual revela que apesar de todo o epistemicídio, sua voz está alcançando a contemporaneidade, e servindo de norte para futuras gerações carregadas de uma ansiedade em se verem reconhecidas em seus estudos. É a construção de uma epistemologia enegrecida que marca a trajetória de uma das maiores pensadoras brasileiras, não podendo aqui ser resumida em uma só categoria. Lélia Gonzalez conseguiu em pouco tempo executar múltiplas atividades nos mais variados espaços, conectada com seu ativismo político, ela entendia a importância de se comunicar através do pretuguês, exaltando os elementos da africanidade presente na cultura brasileira. É possível identificar o segmento filosófico atrelado a outras áreas, este que foi o ponto de partida para sua negritude, não é deixado de lado pela autora, aparece como um dos pilares da constituição de seu pensamento. Assim como a psicanálise e estudos ligados às ciências sociais. O título de intérprete do Brasil, homenagem feita por Raquel Barreto, merece um destaque. "Lélia Gonzalez foi uma intérprete do Brasil, que elegeu a cultura como espaço privilegiado de observação e análise do caráter amefricano da nossa identidade (...) Tornar Lélia Gonzalez como uma intérprete do Brasil significa ampliar a compreensão sobre a importância de sua obra" (BARRETO, 2018, p. 15). Finalizo dizendo que para mim enquanto mulher negra que esteve em contato com uma formação em grande parte com um conteúdo eurocêntrico, ter a oportunidade de falar sobre Lélia, ainda que de forma tão introdutória, é algo muito compensatório, que levarei como estímulo para o futuro. Concluo afirmando que ainda há muito sobre Lélia e seus estudos a serem explorados e debatidos. Lélia é um estímulo extraordinário que conseguiu elevar aspectos de mulheres anônimas das quais se enxergava também, um exemplo daquilo que já mencionava em outros momentos como Griot, mas que serve também para descrevê-la, já que conseguiu exercer um papel fundamental ao narrar toda uma cultura ancestral.

Referências

BÂ, **Hampaté** Amadou. **A tradição viva**. In: História Geral da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ed. Brasília: UNESCO, **2010**

BAIRROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. Revista Afro-Ásia, UFBA, nº 23, 2000.

BARRETO, Raquel. Introdução: Lélia Gonzalez, uma intérprete do Brasil. In: GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras. São Paulo: Diáspora Africana, 2018, p. 12-27.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. Estudos Avançados 17 (49) 2003.

_____. Identidade Feminina. In. Cadernos Geledés. Nº4, 1993.

CHAGAS, Rodrigo. Em São Paulo, Angela Davis pede valorização de feministas negras brasileiras: Durante conferência também exigiu a liberdade do ex-presidente Lula e justiça por Marielle Franco. São Paulo, 20 out. 2019. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2019/10/20/em-sp-angela-davis-pede-valorizacao-de-feministas-negras-brasileiras. Acesso em: 13 maio 2021.

CHAUÍ, Marilena. Repressão sexual, em nossa (des) conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GONZALEZ, Lélia (1977). A propósito de Lacan. *Revista Lugar* no. 7 Rio de Janeiro

_____. (1979) A Juventude Negra Brasileira. In: Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018a.

_____. (1988) A categoria Político-Cultural da Amefricanidade. In: Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018b.

_____. (1981) Mulher Negra. In: Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018c.

_____. (1982) E a trabalhadora negra, cumé que fica? In: Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018d.

_____. (1982) Beleza negra, ou ora yê-yê-ô. In: Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018e.

_____. (1982) "O movimento negro na última década"In: Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018f.

_____. (1982) "A mulher negra na sociedade brasileira". In: Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018g.

_____. (1984) “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018h.

_____. (1985) “The Black Movement Unified: A New Phase of Black Political Mobilization,” in FONTAINE, Pierre-Michel (Org.) *Race, class and power in Brazil***.** Los Angeles, Center for Afro-American Studies

_____. (1988). “A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social”. In: Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

_____. (1988). Por um feminismo afrolatinoamericano. In: Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

_____. (1988). As amefricanas do Brasil e sua militância. In: Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018k...

_____. (1991) Uma viagem à Martinica I. *Jornal MNU* 20. São Paulo.

_____. (1992) Uma viagem à Martinica II. *Jornal do MNU* 21. São Paulo.

_____. (1995) The black woman in Brazil. In: Carlos Moore (org.), *African presence in the American,* NEW Jersey: African World Press, pp. 313-328.

_____. (2015) La Catégorie Politico-Culturalle Amefricanité In: Falquet, Jules, and Azadeh Kian (orgs) *Intersectionnalité et colonialité, débats contemporains*.” Paris, Les Cahiers du CEDREF 20, pp 41-55.

_____. (2018) *Primavera para Rosas Negras*. Editora PanAfricanista, São Paulo.

_____. (2020) *Por um Feminismo Afro-latino-americano*. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (ORGs). ZAHAR, Rio de Janeiro.

_____. (2020 a) ” Duas mulheres comprometidas em mudar o mundo”. In *Por um feminismo Afro-Latino-Americano*, Zahar, 2020, pp.281-285.

PEREIRA, Joseane. GRIOTS: OS CONTADORES DE HISTÓRIAS DA ÁFRICA ANTIGA: Até hoje, os Griots seguem seu papel de guardiões da tradição. [*S. l.*], 26 out. 2020. Disponívelem:https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-griots-contadores-de-historias-da-africa-antiga.phtml. Acesso em: 18 maio 2021.

PORTO: Porto Editora, 2003-2021. [consult. 2021-05-18 20:13:36]. Disponível na Internet: https://www.infopedia.pt/$neurose

RATTS, Alex; **RIOS**, Flávia. Lélia Gonzalez. Coleção Retratos do Brasil Negro. São Paulo: Selo Negro/Summus, 2010.

RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. Introdução. In: GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 9-21.

ROCHA, Aline Matos Da. *Pensar o invisível: as mulheres negras como produtoras de pensamento filosófico.* 2014. 33 f. Monografia (Licenciatura em Filosofia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. fie/ações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzale.z (.1970-.1990) 2006. 247 f. Dissertação (mestrado em História Comparada) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ).